

MÚSICA

6 ABRIL 2018

CICLO CAIXA GERAL

DE DEPÓSITOS/CULTURGEST

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Les nations

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Orquestra Metropolitana de Lisboa

Flauta transversal

Nuno Inácio

Violino barroco

Alexêi Tolpygo

Cravo e direção musical

Marcos Magalhães

Johann Sebastian Bach (1685-1750)

Tripto Concerto em Lá menor,
BWV 1044 (1738-40?)

20 min.

I. *Allegro*

II. *Adagio, ma non tanto e dolce*

III. *Alla breve*

Georg Philipp Telemann (1681-1767)

Abertura (suíte) em Si bemol maior,
TWV 55:B5, *Les nations*
(data desconhecida)

20 min.

I. *Ouverture*

II. *Menuet I – Menuet II*

III. *Les Turcs*

IV. *Les Suisses*

V. *Les Moscovites*

VI. *Les Portugais anciens –*

Les Portugais modernes

VII. *Les Boiteux*

VIII. *Les Coureurs*

Intervalo

Johann Sebastian Bach (1685-1750)

Concerto Brandeburguês n.º 5
em Ré maior, BWV 1050 (1720-21)

20 min.

I. *Allegro*

II. *Affettuoso*

III. *Allegro*

Sex 6 de abril

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração: 1h · M6

O Triplo Concerto de Bach

A peça com número de catálogo BWV 1044 é normalmente conhecida como Triplo Concerto de Bach, por se tratar de um concerto com três solistas à frente de uma orquestra – a flauta, o cravo e o violino. Entre estes destaca-se sobretudo o cravo. Não só porque ultrapassa a convencional função que o Baixo Contínuo lhe confiava na época, mas também porque assume invulgar protagonismo, com cadências e numerosas passagens solísticas. Neste aspeto, assemelha-se ao Concerto Brandeburguês n.º 5, que lhe antecedeu cerca de duas décadas. Ambos retratam exemplarmente a figura de Bach enquanto instrumentista.

Nos primeiros anos de permanência em Leipzig, enquanto Diretor Musical das igrejas da cidade, J.S. Bach investiu praticamente toda a sua energia e criatividade em composições destinadas ao culto religioso. Entre muitas outras, destacam-se os três ciclos anuais de cantatas e as Paixões Segundo São João e São Mateus. Porém, com o passar dos anos, procurou dedicar mais tempo à música profana, porventura pensando numa eventual projeção da sua carreira em maior escala, o que acontecia com outros compositores daquela época. Ainda na década de 1720, publicou obras para cravo solo. Mas o momento determinante aconteceu em 1729, quando passou também a dirigir o Collegium Musicum. Foi nessas tertúlias musicais que Bach estreou os concertos do período de Leipzig. Muito embora estes não lhe tenham garantido

a merecida notoriedade em tempo de vida, contribuíram para projetar a sua figura na posteridade. Destaca-se, pela relevância histórica, o pioneirismo na emancipação do instrumento de tecla na condição de solista. Considerando a continuidade que seus filhos deram a essa prática, tratou-se de uma iniciativa precursora da supremacia que o piano-forte assumiu nas décadas seguintes.

O Triplo Concerto é um exemplo singular, a este respeito. A maior parte dos concertos para cravo que Bach compôs durante esses anos resultaram de adaptações de concertos previamente destinados a outros instrumentos solistas. Aqui, porém, Bach não recuou um concerto pré-existente, mas sim o Prelúdio e Fuga para Cravo em Lá Menor BWV 894, no primeiro e último andamentos, e a Sonata para Órgão em Ré Menor BWV 527, no andamento central. No primeiro caso, expandiu a partitura em função do formato Concerto, acrescentando ritornellos, interlúdios orquestrais e secções de desenvolvimento. A flauta e o violino mantêm na maior parte do tempo intervenções consequentes dos estímulos que o cravo introduz. Sobressaem, no entanto, no andamento lento, onde a flauta estabelece num diálogo bucólico com o cravo e o violino se abandona numa textura de *pizzicatos* que não passa despercebida.

O Desfile das Nações

A representação teatral de «outros» povos era bastante apreciada em França no século XVII. Quase sempre de forma caricaturesca, e sem rigor antropológico, a moda estendeu-se aos principados germânicos nas primeiras décadas do século XVIII. No âmbito específico da música, e entre as inúmeras suíte orquestrais de G.P. Telemann, destacam-se a *Ouverture des nations anciennes et modernes*, TWV 55:G4, e aquela que hoje se conhece por *Les nations*, TWV 55:B5. Entre alusões aos «turcos», aos «suíços» e aos «moscovitas», escuta-se aqui uma peça pretensamente ilustrativa dos «portugueses».

Na essência, as Suítes Orquestrais de Telemann têm origem nas práticas de entretenimento da corte de Luís XIV. Muito embora não fossem números de dança, e não tivessem qualquer função teatral, propunham-se, por vezes, recrear imaginários concretos. No caso da suíte *Les nations*, cuja data de criação se desconhece mas deverá situar-se na década de 1720, é explícita a evocação de arquétipos sonoros conotados com diferentes culturas. Se recuarmos no tempo, até 1670, encontramos semelhanças em *Le Bourgeois gentilhomme*, a Comédie Ballet de J.B. Lully em que se ouve a célebre Cerimónia Turca e o «Bailado das Nações» que lhe segue.

Desconhece-se o propósito original desta obra de Telemann. Seria uma peça pitoresca destinada a abrilhantar um ambiente festivo, porventura com enquadramento diplomático, na presença de personalidades estrangeiras.

Após a Abertura Orquestral, sucedem-se sete peças características. Somente quatro reportam a nacionalidades específicas. São introduzidas por dois curtos minuetos e rematadas por um par de danças de recorte humorístico – «Les Boiteaux», a dança dos coxos, surge lado a lado com a dança dos corredores, «Les correurs». Pelo meio, desfilam as danças pretensamente evocativas de arquétipos nacionais. Desde logo com os turcos, sobre padrões rítmicos que sugerem uma fisicalidade rústica. A proeminência rítmica enérgica e incisiva desta peça foi o recurso achado para caracterizar aquele país, à luz da época. Mais à frente surgem os moscovitas, com a descrição dos sinos que se ouviam no Kremlin. A inspiração desta ideia seria meramente literária, já que a enciclopédia em língua alemã de Johann Heinrich Zedler, uma das mais populares da época, referia-se aos numerosos sinos das igrejas daquela cidade russa. Por sua vez, os suíços e os portugueses são evocados por intermédio de dípticos musicais que expõem estados de espírito contrastantes. A peça dedicada aos suíços tem início com uma disposição solene, evoluindo depois para uma dimensão representativa das (bem regadas) canções de taberna. Já no caso dos portugueses, não se percebe a proveniência da sugestão. Espelham-se os «portugueses antigos» e os «portugueses modernos» na recriação de uma Sarabanda (uma dança lenta) seguida de um Rigodão, uma dança particularmente viva e alegre.

Concerto Brandeburguês n.º 5

O Concerto Brandeburguês n.º 3 é o mais popular, mas o n.º 5 será, porventura, o mais inovador dos seis célebres concertos que J.S. Bach escreveu para o Marquês de Brandeburgo. Muitos consideram tratar-se do primeiro concerto para Cravo e Orquestra existente, tal é o protagonismo confiado àquele instrumento.

O Concerto Barroco, enquanto formato musical, desenvolveu-se essencialmente em Itália, estendendo-se depois a sua prática por toda a Europa. Genericamente, consistia na contraposição de um núcleo de solistas (denominado Concertino) e o grupo mais abrangente da orquestra. A maioria destes concertos compõe-se de três curtos andamentos, numa previsível sucessão do tipo rápido-lento-rápido. Juntam-se ainda duas outras características bastante particulares: a presença constante do baixo contínuo e a alternância de secções que se assemelham a um refrão (o Ritornello) com episódios onde o Concertino assume acentuado protagonismo.

No caso do Concerto Brandeburguês n.º 5 de J.S. Bach, o Concertino é composto por uma flauta, um violino e pelo próprio cravo. O facto de este último instrumento assumir o papel de solista é particularmente relevante, já que naquela época a sua função era sempre destinada ao baixo contínuo, enquanto suporte rítmico e harmónico, com exceção das peças em que se apresentava a solo. Assim, especula-se que o concerto tenha sido composto logo após

a chegada de um novo cravo a Cöthen, na sequência da viagem do compositor a Berlim, em 1719. Com efeito, o primeiro andamento, invulgarmente longo, com quase dez minutos de duração, explora exaustivamente as capacidades técnicas e tímbricas do instrumento, como que em jeito de demonstração. Uma tese diferente explica que este protagonismo do cravo reporta ao «confronto musical» que esteve para acontecer entre Bach e Louis Marchand na corte de Dresden, em 1717, já que a melodia do segundo andamento é bastante semelhante ao tema de uma fuga para órgão assinada por aquele músico francês.

Em qualquer das razões, certo é que a cadência do primeiro andamento é dominada pelo virtuosismo do cravo, o que também nos permite adivinhar as competências de Bach enquanto intérprete. No segundo andamento, marcado por um ambiente bastante mais afetuoso, o cravo também se junta à «conversa» dos outros dois solistas, ainda que dispense o acompanhamento das restantes cordas. Já no último, em forma A-B-A, o cravo destaca-se, sobretudo, na parte central, recreando-se por entre efeitos sonoros de grande variedade.

Textos de Rui Campos Leitão

Nuno Inácio

É, desde 2005, 1.º Flautista da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Licenciado pela Escola Superior de Música de Lisboa com classificação máxima, foi discípulo de Trevor Wye. Frequenta o 2.º ano do doutoramento em Artes Musicais na UNL/ESML.

Venceu o 1.º Prémio no Concurso Internacional de Flauta L'U.F.A.M., 1.º Prémio no concurso Prémios Jovens Músicos e Prémio Maestro Silva Pereira / Jovem Músico do Ano.

Foi solista na Orquestra Gulbenkian, OSP, OML, OCCO, Sinfonietta de Lisboa. Colabora com o Moscow Piano Quartet, Ensemble Darcos, o pianista Paulo Pacheco e a harpista Stephanie Manzo. Foi dedicatário de obras concebidas pelos compositores Eduardo Patriarca, Fernando Lobo e Sérgio Azevedo. Orienta com frequência *masterclasses* nas várias academias, conservatórios e escolas superiores do país e estrangeiro.

É professor de Música de Câmara na ESML e de Flauta na Academia Superior da Metropolitana.

Alexêi Tolpygo

Nasceu em Moscovo em 1965 e começou a tocar violino aos cinco anos de idade. Frequentou a Escola Especial de Música de Gnessin. Em 1987 ingressou na Orquestra Filarmónica de Moscovo. Colaborou com várias formações como Soviet Festival Orquestra, State Chamber Orquestra, Moscow Piano Quartet, Orquestra Nacional do Porto,

Orquestra Utopica, Orquestra Nacional Russa, Brahms Trio (com o qual gravou um CD) e formou o trio Portus Cale.

Em 1996, integrou a Orquestra Metropolitana de Lisboa.

Marcos Magalhães

Nascido em 1973 em Lisboa, é licenciado pela Escola Superior de Música de Lisboa e pelo Conservatoire National Supérieur de Musique de Paris onde obteve o Premier Prix em Cravo e Baixo-Contínuo. Recentemente, tem tido aulas de direção de orquestra com Jean-Marc Burfin.

Foi bolseiro do governo francês e da Fundação Calouste Gulbenkian. Tem desenvolvido uma intensa atividade tanto em Portugal como no estrangeiro. Participou em várias produções de ópera e integrou a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra da Madeira e a Orquestra Barroca da União Europeia em várias ocasiões.

Em conjunto com Marta Araújo, fundou Os Músicos do Tejo, grupo dedicado à música antiga, pelo qual editou *As Árias de Luísa Todi* e a ópera *La Spinalba*.

Orquestra Metropolitana de Lisboa

A Orquestra Metropolitana de Lisboa (OML) mantém uma programação regular desde 1992. Os seus músicos asseguram uma intensa atividade que se distingue pela qualidade e pela versatilidade, o que permite abordar repertórios diversos, criar novos públicos e afirmar o caráter inovador do projeto AMEC | Metropolitana, do qual esta orquestra é a face mais visível.

Desde início, a OML afirmou-se como uma referência incontornável do panorama orquestral nacional. Apesar de estar sediada em Lisboa, apresenta anualmente uma temporada com quase duas centenas de atuações que estendem a sua ação a 12 dos 18 concelhos da Área Metropolitana de Lisboa, com programações regulares junto de várias autarquias e deslocações frequentes a cidades de todo o país. Com espírito de participação cívica, a OML apresenta-se frequentemente em eventos públicos relevantes, tais como o festival Dias da Música que acontece todos os anos no Centro Cultural de Belém. Nos programas sinfónicos, jovens intérpretes da Academia Nacional Superior de Orquestra juntam-se à sua constituição base, a qual já integra, em si mesma, vários músicos formados nesta escola. Manifesta-se deste modo a importância que a Metropolitana confia na ponte entre a prática e o ensino da música. Este desígnio, que distingue a sua identidade, é exemplo único no contexto musical português e raro no panorama internacional.

A OML tem gravados mais de uma dezena de CD – um dos quais disco

de platina – para diferentes editoras, incluindo a EMI Classics, a Naxos e a RCA Classics. Ao longo do seu historial, colaborou com inúmeros maestros e solistas de grande reputação nos planos nacional e internacional, de que são exemplos os maestros Pablo Heras-Casado, Christopher Hogwood, Theodor Guschlbauer, Michael Zilm, Emilio Pomarico, Nicholas Kraemer, Leonardo García Alarcón, Hans-Christoph Rademann, Victor Yampolsky, Joana Carneiro, Pedro Amaral e Pedro Neves, ou os solistas Monserrat Caballé, Kiri Te Kanawa, José Cura, José Carreras, Felicity Lott, Elisabete Matos, Leon Fleisher, Maria João Pires, Artur Pizarro, Sequeira Costa, António Rosado, Jorge Moyano, Natalia Gutman, Gerardo Ribeiro, Anabela Chaves, António Menezes, Enrico Onofri, Sol Gabetta, Michel Portal, Marlis Petersen, Dietrich Henschel e Mark Padmore, entre outros.

A Direção Artística da OML é, desde julho de 2013, assegurada pelo maestro e compositor Pedro Amaral.

Constituição da Orquestra Metropolitana de Lisboa

1.ºs Violinos

José Pereira *concertino*

Joana Dias

Romeu Madeira

Micaela Sousa

2.ºs Violinos

Ágnes Sárosi

Anzhela Akopyan

Daniela Radu

Violas

Irma Skenderi

Joana Tavares

Violoncelo

Catarina Gonçalves

Contrabaixo

Vladimir Kouznetsov

Próximo espetáculo

sim sim não não

de Maria Duarte, Sílvia
Figueiredo e João Rodrigues

© Margarida Ribeiro



Teatro Qua 11 a dom 15 de abril

Palco do Grande Auditório · 21h30 (dom 17h)

Duração: 50 min · M12

“O contador de histórias está simultaneamente no centro, intimamente, e à distância no horizonte. Ele é o horizonte, com a história de um lado e, do outro, com o geral.” John Berger (1926-2017)

Próximo espetáculo de música

Jonah Parzen-Johnson

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

© Wilhelm Matthies



Jazz Sex 13 de abril

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6

A herança é vasta e percorre as melodias simples da folk americana e a capacidade de abstração do free-jazz da escola de Chicago. Jonah recorre apenas a um saxofone barítono e um sintetizador analógico mas o resultado é ilimitado.

Conselho Diretivo

Presidente

Paulo Moita de Macedo

Administradores

José Ramalho (Direção Executiva)

Mark Deputter (Direção Artística)

Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Pedro Santos (Música)

Liliana Coutinho (Debate
e encontros)

Francisco Frazão (assessor Teatro
temporada 2017-2018)

Gil Mendo (assessor Dança
temporada 2017-2018)

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
(coordenadora)

João Belo

Helena Salgueiro (estagiária)

Tatiana São (estagiária)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Adriana Mestre (estagiária)

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Maria João Santos

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona
(coordenadora)

Patricia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Nina Ferreira
(coordenadora)

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

José Rui Silva

Direção de Cena

José Manuel Rodrigues

Técnicos Audiovisuais

Américo Firmino (coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico de palco

Vasco Branco

Frente de Casa e Bilheteira

Rute Sousa (coordenadora)

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Miguel Caissotti (conservador)

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado (estagiária)

Flávia Ferreira (estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

